



Fotografia: Manuel Manso

A histórica Filatelia A. Molder volta a ter uma galeria de arte já este mês

A Filatelia A. Molder vai voltar a ter uma galeria. Falámos com a artista plástica Adriana Molder, neta do fundador desta loja histórica de Lisboa.

Escrito por [Renata Lima Lobo](#) quarta-feira 11 novembro 2020



O apelido Molder não é estranho a muitos portugueses (e não só). Conhecem-no os seguidores do fotógrafo Jorge Molder, da artista plástica Adriana Molder e os filatélicos de todo o mundo que entram na histórica [Filatelia A. Molder](#), localizada no n.º 101 da Rua 1.º de Dezembro, em Lisboa (Rossio), desde 1943.

Fundada por August Molder, pai do conhecido fotógrafo Jorge Molder, a filatelia, que integra hoje o programa municipal Lojas com História, chegou a ter um espaço de galeria até aos anos 60, uma ideia que agora foi recuperada por Adriana Molder, que há bem pouco tempo montou um ateliê nessa mesma sala. Na antiga e agora nova Galeria da Casa A. Molder, é inaugurada a 19 de Novembro a primeira exposição em décadas, desenvolvida pelo actor e artista plástico Gustavo Sumpta especificamente para aquele espaço "perdido no tempo, cheio de interferências, de ruído, de memórias e também um pouco de decadência", descreve Adriana Molder à Time Out. Gustavo Sumpta irá apresentar "Luto", o título da escultura efémera feita com fitas de VHS, um material hoje obsoleto.

Video recomendado pela Time Out

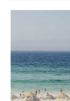


Saber mais

Popular na Time Out



CP programa viagem a bordo das famosas carruagens Schindler



Paraísos perto de Lisboa para ir desanuviar



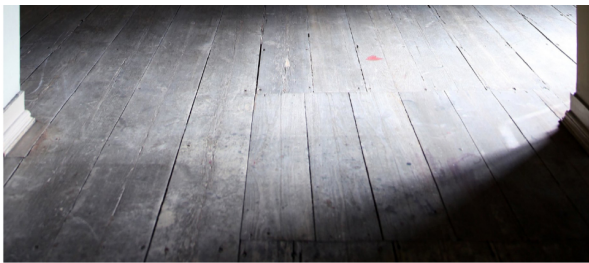
O Pátio das Antigas: O hotel que acabou em ministério



As 50 melhores séries na HBO Max



Motéis em Lisboa: vai uma rapidinha?



©Adriana Molder | A galeria ainda vazia

Adriana viveu 13 anos em Berlim e a partir de uma certa altura decidiu "passar cá uns invernos", usando este espaço como atelié durante cinco anos. Regressou de vez a Portugal há dois anos e acabou por encontrar atelié no Centro de Artes Plásticas dos Coruchéus, atribuído pela Câmara Municipal de Lisboa. "Este espaço ia ficar vazio e achei que gostava muito de manter a arte aqui e trazer a arte contemporânea. Não é um projecto que vai fazer uma série de exposições numa antiga loja de filatelia. Não. O projecto só existe enquanto a loja existir, e a loja está aberta", explica. Além dos artistas, a galeria irá ainda promover a coexistência de públicos diferentes, da filatelia e das artes, e a curiosidade de ambas as partes.



Fotografia: Manuel Manso | Também há selos em exposição na Filatelia A. Molder

A primeira selecção de Adriana inclui sete artistas, "uma escolha de artista", sublinha, uma vez que não é curadora. Além de Gustavo Supta – que estará presente no dia da inauguração e cuja exposição fica patente até 8 de Janeiro de 2021 –, foram convidados Ana Catarina Fragoso, Bárbara Fonte, Francisco Tropa, João Belga, Maria Condado e Rui Chafes, "porque achei que este espaço tinha a ver com a maneira como eles trabalham", diz Adriana. "A escolha dos artistas também tem a ver com este espaço de reclusão. Quando estava no atelié, estava no centro da cidade com barulho à volta, uma loja aberta e sentia-me completamente fora do mundo. Acho que todos os artistas que aceitaram fazer este projecto até agora sentiram um bocadinho isso. E com o facto de a loja existir, embora muitas pessoas nem a conheçam." Para este ciclo de exposições ficaram ainda em aberto três vagas para outros artistas "que viessem ver as exposições, gostassem muito do espaço e me propusessem qualquer coisa, dos novos artistas queria que essa confiança viesse pelo entusiasmo".

A Galeria da Casa A. Molder não tem qualquer intuito comercial e não existe qualquer tipo de comissão, pelo contrário. "Nesta altura em que os artistas estão a sofrer tanto, tem de haver algum incentivo, a divulgação raramente justifica o trabalhar-se de graça", defende Adriana, que concorreu ao Programa de Apoio a Projectos – Criação e Edição da Direcção-Geral das Artes, de forma a conseguir dar algum retorno financeiro para os artistas que desafiou a ocupar a Molder. A resposta, diz, deveria ter chegado em Outubro, mas decidiu avançar na mesma. "Se não conseguir, vou procurar o apoio de mecenas que possam ter interesse por este projecto."



©Time Out | O velhinho letreiro da Molder mostra-lhe o caminho

Nas rédeas da Filatelia A. Molder estão Luís Santos e a Carmina Correia, a funcionária mais antiga da loja. Começou a trabalhar aqui em 1947, o ano de nascimento de Jorge Molder. "São eles que têm mantido esta loja, a loja é deles. O meu pai é artista, estudou Filosofia, a loja é mesmo uma coisa deles. Eu espero que isto também seja uma maneira de lhes trazer alguma coisa", espera. As exposições estarão abertas durante a parte da tarde no horário da loja, entre as 15.30 e as 19.00 dos dias úteis, e aos fins-de-semana e feriados pode visitar a galeria com marcação. Como bónus terá a própria Adriana Molder a acompanhá-lo na visita. E quem diz feriados, diz 25 de Dezembro e 1 de Janeiro: "Há muitas pessoas que passam o Natal não em família e odeiam o facto de estar tudo fechado. E a minha ideia é que, se alguém quiser vir, eu estou disponível na mesma." Afinal, para Adriana este espaço que já foi seu, não é seu. "É da loja, é da cidade." De resto, já conhece o procedimento: máscara, gel desinfectante e, neste caso, amor pela arte. E também por Lisboa.

Uma Molder no palacete

Na edição deste ano da [Arte em São Bento](#), na residência oficial do primeiro-ministro no Palacete de São Bento, está em exposição a Coleção Figueiredo Ribeiro, que inclui um desenho de Adriana Molder. A exposição abre ao público no primeiro domingo de cada mês.

Galeria A. Molder. Rua 1º de Dezembro, 101. 3º andar. Seg-Sex 15.30-19.00, Sáb, Dom e feriados por marcação. Entrada livre. www.galeriadacasaamolder.com

[+ Lojas históricas em Lisboa: velhas, mas boas](#)

[+ Leia a edição desta semana: Roteiro de arte urbana em Lisboa e no Porto](#)

Renata Lima Lobo

PARTILHE ESTA NOTÍCIA



Cultura

Um espaço fora do tempo em Lisboa: a Galeria da Casa A. Molder

José Marmeleira Texto
Daniel Rocha Fotografia

A histórica loja da Baixa, poiso habitual dos amantes da filatelia, acomoda agora uma galeria dirigida por Adriana Molder

O som da campainha não acorda do torpor. Na A. Molder – Selos para Colecção, alojada no terceiro andar do n.º 101 da Rua I.º de Dezembro, em Lisboa, o visitante parece desembarcar noutra época, fora deste tempo. Do mobiliário à arquitectura, passando pelos sons, o espaço encena um feitiço, momentâneo. Afinal, o ano continua a ser 2021. Lá fora, pelo Rossio, há gente a caminho do trabalho, alguns turistas, todos de máscara.

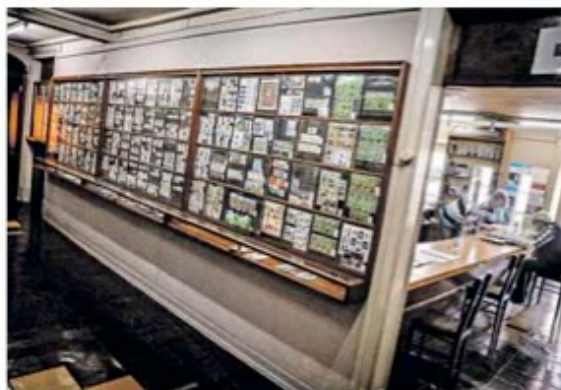
Dentro da loja, uma exposição com duas obras de Ana Catarina Fragoso (n. 1984) corporiza o segundo momento do projecto Galeria da Casa A. Molder, iniciado em Novembro com trabalhos de Gustavo Sumpsta; sexta-feira, será a vez de Rui Chafes ali chegar. Onde antes só havia selos, muitos selos para observar e colecionar, há agora também arte para contemplar. Comércio e experiência estética descobrem-se lado a lado, próximos e distantes.

Adriana Molder, responsável pelo projecto artístico, desenheia a história da loja, recuando, inevitavelmente, ao passado. “Existe desde 1943 e foi fundada pelo meu avô, Auguste Molder. O A [que vemos no letreiro na rua e, depois, na porta] é de Auguste. Era um judeu húngaro que saiu da Hungria depois da Primeira Guerra Mundial. Viveu em Berlim, Paris, Amesterdão”, conta a artista. “Velo a mudar de apelido, de Molnar para Molder, e chegou a Portugal em 1939. A sua intenção era, creio, ir para a América ou para África, mas conheceu a minha avó [paterna] e ficou aqui.”

Em Lisboa, Auguste Molder abriu então uma loja especializada em filatelia e numismática, associada a uma pequena galeria comercial de arte. O avô de Adriana [pai do também artista Jorge Molder] morreu em 1949, mas o estabelecimento sobreviveu-lhe, ultrapassando obstáculos e testemunhando acontecimentos. “Isso sempre me impressionou muito. Ao fim de tantos anos, depois de passar por tantas coisas, a loja continua a funcionar”, diz Adriana Molder.

Enquanto a loja existir

Escuta-se, de novo, a campainha. É um cliente que chega. Passará, dentro de instantes, pelo corredor repleto de



Sempre que um colecionador ou um artista me visitavam, ficavam impressionados. É uma loja de Lisboa, mas parece fora do tempo, do mundo

Adriana Molder

Artista e dinamizadora da galeria

vitrinas, por sua vez repletas de selos, e apontará ao balcão onde o aguardam Luís Santos e Carmina Correia. São eles, por assim dizer, a alma resistente da loja que agora acolhe uma nova “galeria”.

Enquanto cliente e funcionários trocam impressões, Adriana Molder explica ao PÚBLICO como lhe surgiu a ideia de juntar à loja este espaço aberto à arte contemporânea. “Vivi 13 anos em Berlim e nos últimos cinco decidi passar os invernos em Lisboa. Como precisava de um sítio para trabalhar, fiz das duas salas do fundo o meu atelier. E sempre que um colecionador ou um artista me visitavam, ficavam muito impressionados com o espaço. Como eu, estavam dentro de uma loja em Lisboa, mas pareciam

A histórica loja de filatelia e numismática fundada em 1943 ganhou agora uma nova valência como galeria de arte

fora do tempo, do mundo.”

Para a artista, a loja e as salas do fundo tinham um significado particular, cravado na experiência e na memória, que podia ser protegido. “Entretanto vim viver para Lisboa e consegui um atelier [municipal] nos Coruchéus. Estas salas ficaram vazias e tomei a decisão de convidar artistas a apresentarem trabalhos novos, realizados especificamente para aqui. Os primeiros com que falei foram a Ana Catarina Fragoso e o Rui Chafes. Disseram logo que sim. Avancei, mesmo sem saber se conseguiria obter financiamento junto da Direcção-Geral das Artes para a produção das peças. Queria muito fazer este projecto.”

Um espaço independente

Nestas salas separadas por um discreto arco, estiveram recentemente duas pinturas de Ana Catarina Fragoso em torno dos temas da memória e da paisagem. Expandiam-se até ao chão de madeira e sugeriam a impressão de um movimento cromático, físico e luminoso, entre tonalidades diferentes. Um mais plano e suave, o outro mais orgânico, incandescente. O motivo era a paisagem natural da costa e das dunas, guiado por uma pesquisa sensível à reprodução digital de imagens.

Depois de amanhã, a Galeria da

Casa A. Molder já contará com uma escultura em ferro de Rui Chafes e seguir-se-ão, até ao fim do ano, trabalhos de Bárbara Fonte, Francisco Tropa, Maria Condado, João Belga e da artista chilena Sandra Vásquez de la Horra. “Ainda tenho duas datas em aberto”, revela Adriana Molder, enfatizando que o seu projecto não se confunde com o de uma galeria comercial. “É um espaço independente com uma programação aberta às pessoas, dirigido aos artistas e aos curadores. Quis assegurar essa liberdade, convidar artistas que conhecia e artistas que não conhecia.”

Entretanto, na sala da principal da loja, junto ao balcão, a conversa reúne mais vozes. Daniel, Dinis e Leonor, alunos do 12.º ano da Escola Secundária Rainha Dona Leonor, entrevistam Luís Santos e Carmina Correia. Estão a fazer um trabalho para a disciplina de Economia sobre o projecto Lojas com História. “É um desafio fazer as coisas aqui”, acrescenta Adriana Molder. “É um projecto quase romântico. Tem alguma decadência, algum charme, mas o espaço é da loja e só existe quando a loja está a funcionar.” O objectivo, ainda que não declarado, é também dar algum movimento à actividade comercial, dar a conhecer a A. Molder, e mostrar a quem vem à galeria, pelo caminho, as vitrinas onde se guardam os postais e os selos. É mais frequente os visitantes da exposição pararem para ver os selos do que os clientes da loja espreitarem as obras de arte, mas há algo que liga os dois grupos de frequentadores: o espírito do colecionador.

“Tudo o que seja movimento e que atraia pessoas é bom”, assegura Carmina Correia. Esta mulher apaixonada pela arte dos selos conserva, talvez, o mesmo brilho nos olhos com que se iniciou na actividade em 1947. Mais triste, seguramente não menos vivo. “Não sou colecionadora, mas gosto de tudo [nos selos], pois falam de tudo. É uma cultura que dá cultura. Ficamos a saber da geografia, da história, das ciências. E são tão bonitos, não são?”

Ao fundo, as duas artistas e os alunos concordam com sorrisos espontâneos, antes de Adriana Molder se juntar à conversa: “Um colecionador disse-nos que as pessoas noutros tempos viajavam menos. Por isso, viajavam com os selos.” Carmina Correia anui e, absorta numa memória, exclama com entusiasmo: “Lembro-me de as crianças aparecerem aqui com os avós e os pais. Ajoelhavam-se nas cadeiras e viam os selos. E já diziam que queriam este ou aquele. Aquilo despertava-os.”



Rui Chafes, Início permanente, 2021. Cortesia da Galeria da Casa A. Molder. © Alcino Gonçalves.

ARTE & CULTURA

Início permanente: Rui Chafes na Galeria da Casa A. Molder

Daniel Barretto

A exposição de Rui Chafes na Galeria da Casa A. Molder começa, sem que se saiba, na luz intensa e no rumor da teia urbana, muito antes de uma aproximação com o trabalho exposto. O caminhar pela rua, o entrar no edifício, o atravessar pela atmosfera da loja, todos esses movimentos do corpo, e a suposição de um real que cerca o visitante, demarcam mais que uma imensa moldura para aquele que acaba por entrar no espaço expositivo. E nesse sentido, o acolhimento da galeria é de uma adequação precisa.

Um momento importante para o encontro com a obra de Rui Chafes se dá na passagem pelo pequeno corredor que antecede à entrada na exposição. Ali, nesse lugar intermediário, entre o fora e o dentro, já se pressente a luminosidade reduzida a um mínimo no ambiente onde uma escultura irá emergir. Mas essa talvez seja uma leitura muito fria do acontecimento. Pois, é mais como se o mundo viesse a se apagar sensorialmente quanto mais próximo se está do encontro com a obra, até o ponto em que, um tanto desorientado, já no espaço da galeria, o espectador se dá conta da presença de um outro corpo que não o seu, o corpo da obra. Daí, será tragado inteiramente para a forma e a luminosidade que estabelece os limites da percepção e domina a relação sensível. Durante algum tempo, enquanto a visão procura se adaptar, é impossível dimensionar o entorno, mergulhado que se está na escuridão, e a escultura é o único ponto de referência que se oferece. O primeiro olhar parece esconder mais do que mostrar e é preciso jogar o jogo, a rodar às proximidades da obra como quem busca por uma porta de entrada. Aquele que a observa, a ela pertence e se agarra, enquanto se debate com a perda do mundo.

Tal como um casulo ou uma concha, a escultura em ferro, de um negro característico das obras de Rui Chafes, se abre o suficiente para que se imagine poder descobrir o seu interior, e ainda assim mantém a sua concisão quase inviolável, uma inteireza magnética. E quanto mais se procura, mais ela prende em encantamento. Quanto mais se adensa o olhar na escuridão, nas suas entranhas, mais impenetrável ela se transforma. Não há propriamente um peso, a escultura apenas repousa e ali, sobre o pouco chão que se pode ver, espera. Pura esfinge, a obra se apresenta para que o observador se dê conta de que só é possível sentir o seu toque na angústia da perda. Depois, pouco a pouco, é ela que se fecha e abandona os outros corpos no espaço da galeria. O que se passa no decorrer desse encontro, a dimensão da experiência, cabe a cada um que aceita entrar no jogo e devolve a si mesmo o enigma.

O ambiente, como uma fissura no mundo, carrega algo de solene. E para quem está familiarizado com a obra de Rui Chafes e a sua admiração pelo escultor medieval Tilman Riemenschneider, essa percepção do solene parece coerente. No entanto, é interessante observar como a sensação prescindindo de qualquer antropomorfismo e se revela como essência. Georges Didi-Huberman, no livro *O que nós vemos, o que nos olha*^[1], talvez ofereça uma ferramenta para perceber o que se passa ao recuperar o que ele chama de esboço de uma antropologia da forma no pensamento arguto de Carl Einstein, onde essa oposição entre abstração e organicidade seriam critérios estranhos à arte, e «a transcendência é sempre imanente à própria forma, na especificidade da sua apresentação».

Nesse ponto, importa atentar para a distância que pode parecer estranha entre as investigações sobre a escultura africana de Einstein e o trabalho de Rui Chafes. Mas não o será se esse movimento de recuperação contar com a observação de Didi-Huberman sobre o trabalho do historiador alemão no sentido de se pensar a forma não como coisa estática, mas como processo dinâmico de formação e deformação. «[...] toda a forma é formadora precisamente na medida em que se torna capaz de deformar organicamente, dialeticamente, outras formas já formadas». O trabalho de Einstein estaria entre aqueles que exerceram uma real dialética da imagem ao propor a superação de antíteses. Diante do declínio da crença na imagem, o que seria um atributo evidente da arte religiosa, caberia então à arte retomar na sua especificidade, ou na abstração, a eficácia perdida. Um desdobramento fundamental desse pensamento seria o estímulo a sempre buscar na forma (enquanto formação e apresentação) o princípio da sua eficácia, a inserir o espectador como parte essencial do processo e a afigurar-se na distância, no intervalo entre os corpos, nesta zona obscura, uma presença.

A exposição *Início permanente*, enquanto tempo (um tempo em suspensão, segundo o próprio artista), um efêmero, pode ser percebida nessa condição da possibilidade de encontro. Contudo, um encontro que pode ser um tanto desconcertante, obscuro e potente, cujas ressonâncias são equivalentes à intensidade do enigma que se estabelece na sua forma, no seu espaço e na sua visibilidade.

Início permanente, de Rui Chafes, está patente na [Galeria da Casa A. Molder](#), em Lisboa, até 2 de julho.

[1] O texto toma como referência a tradução publicada pela Dafne Editora da obra *Ce que nous voyons, ce qui nous regarde*, de Georges Didi-Huberman.

Daniel Barretto escreve em PT/BR.

JUNHO 14, 2021

ARTE , LISBOA

ARTIGOS RELACIONADOS



Anozerø'21–22
Bialnal de Coimbra
MEIA–NOOOOOOOOOOOOO
OOOOOOOOOOOOOOOOOO
OOOOOOOOOOOOOOOOOO
09.04–26.06.22
GULBENKIAN.PT

CANDIDATURAS
ATÉ 29 ABR
GULBENKIAN.PT

Rubricas

5 SUGESTÕES CULTURAIS

IRL STORIES

POV:

RESPOSTA ABERTA

THROUGH THE KEYHOLE

Último número



COMPRAR NUM. ANTERIORES

Subscrever

Primeiro Nome
Apelido
Email

- Subscrever a Newsletter (versão PT)!
- Aceito a Política de Privacidade

I'm not a robot

SUBSCRIBER

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

A ALEGRIA DE VOLTARMOS A ESTAR JUNTOS · THE JOY OF GETTING BACK TOGETHER

GATHER

ESPECIAL MENORCA · Reportagem Copenhaga, Estocolmo e Milão · Ensaio de Moda
MENORCA SPECIAL · Report Copenhagen, Stockholm and Milan · Fashion Essay

PORTUGAL CONT. 9,00€ · BE/F/R/NL 12€ ES/IT 11,00€ · DE 13,00€ · UK £9,50 · Suisse 15,00CHF · Morocco 110MAD



00102



“É um projecto de artista, um espaço mágico, perdido no tempo.”

GALERIA DA CASA A. MOLDER

“It’s an artist’s project, a magical space, lost in time.”

A artista Adriana Molder, após ter deixado de utilizar o histórico espaço da loja que leva o nome do seu avô August Molder como espaço de trabalho, achou “fundamental convidar outros artistas a aqui exporem. Cada artista é convidado a criar uma peça especial para este espaço”. O lugar é singular, tem um encanto especial e uma história de décadas. A Casa A. Molder é uma loja de filatelia com milhares de selos que contam a sua história desde 1943, ano em que abriu portas na rua 1.º de Dezembro, em Lisboa.

No ano de 2020, surge a ideia de utilizar este espaço como uma galeria não comercial, “um projecto romântico, escondido”, conta Adriana. Durante esta primeira fase de abertura, foram convidados 10 artistas a expor: criou-se, por isso, uma linha de 10 exposições programadas, entre jovens artistas e outros mais consagrados. O projecto inaugurou em Novembro do ano passado, com a instalação efémera de Gustavo Sumpta, de título *Luto*, escultura que transformou o espaço através da construção, com fita de cassetes de VHS, de um novo percurso, um novo espaço, uma nova interacção com o visitante. Este conceito de transformar, de apropriar-se do espaço, é subjacente ao convite formulado para expor. “É um espaço que tem uma certa decadência e essa característica é para manter”.

A segunda exposição, de Abril a Maio, traduziu-se na instalação de pinturas de Ana Catarina Fragoso. “É uma instalação de pintura idealizada para o espaço da galeria da Casa A. Molder. Um movimento entre duas paisagens dunares, onde é dia e quase de noite caminhamos do mar para a terra.”

Com a exposição de Rui Chafes, o espaço tornou-se infinito com a escuridão proposta. Taparam-se as janelas de sacada e pousou-se a escultura de ferro no antigo soalho de madeira. O título *Início permanente* explica-nos

The artist Adriana Molder, after having stopped using the historic space of the store named after her grandfather August Molder as a work space, considered it “fundamental to invite other artists to exhibit here. Each artist is invited to create a piece especially for this space.” The place is unique, has a special charm and decades of history. Casa A. Molder is a stamp collectors’ shop with thousands of stamps that tell its story since 1943, the year in which it opened its doors on Rua 1.º de Dezembro, in Lisbon.

In 2020, the idea was born to make use of this space as a non-commercial gallery, “a romantic, hidden project”, says Adriana. During this initial opening stage, 10 artists were invited to display their work: a series of 10 scheduled exhibitions was created, including young artists and other more established ones. The project kicked off in November last year, with Gustavo Sumpta’s ephemeral installation, called *Luto* (Mourning), a sculpture that transformed the space by using VHS tapes to build a new path, a new space, and new interaction with the visitor. This concept of transforming, of appropriating the space, underpins the invitation extended to exhibit. “It is a space that has a certain decadence and that characteristic should be maintained.”

The second exhibition, from April to May, gave rise to an installation of paintings by Ana Catarina Fragoso. “It’s an installation with paintings conceived for the gallery space of Casa A. Molder. A movement between two dune landscapes, where it is daytime and then nearly night when we walk from the sea to the land.”

With the exhibition by Rui Chafes, the space became infinite with the darkness that was proposed. The balcony windows were blocked up and the iron sculpture was placed on the old floorboards. The title *Início permanente* (Permanent beginning)

Francisco Tropa “Polaris”.





Ana Catarina Fragoso



Gustavo Sumpta "Luto"



Rui Chafes "Início permanente"

metaforicamente o porquê do escultor ser o “tempo em suspensão onde a vida e a não-vida, a morte e a não-morte, encontram a sua origem, o seu ponto de partida”. É nesta tensão entre o sagrado e o profano, neste espaço em penumbra, em sombra, que experienciamos esta reflexão feita de escultura sobre o nosso lugar no mundo. De Julho a Setembro, foi exibido um vídeo e estiveram expostos desenhos de Bárbara Fonte, seguindo-se o trabalho de Francisco Tropa, que relembra que a arte jamais será explicada.

O projecto Casa A. Molder é fruto da vontade e da coragem, mas sobretudo da generosidade de Adriana Molder, que segue a produção de cada uma das exposições programadas, acompanhando o trabalho com visitas aos estúdios e escrevendo os textos que acompanham cada mostra. A sua proposta é a de dar liberdade aos artistas.

No último trimestre, inaugurou em Outubro o trabalho de Maria Condado, pintora cujo pensamento gravita em torno da paisagem – já seja visível ou invisível, social ou política – patente até ao dia 26 de Novembro. O ano acaba com a exposição de João Belga e 2022 arranca com o trabalho de Sandra Vasquez de la Horra, ficando, ainda, por apurar “dois artistas que têm mostrado interesse pelo projecto e pela loja” conclui Molder, que convida a visitar o espaço, este lugar mágico perdido no tempo. [▲]

metaphorically explains why the sculpture is “time in suspension where life and non-life, death and non-death, find their origin, their starting point. It is in this tension between the sacred and the profane, in this space in twilight, in shadow, that we experience this reflection through sculpture on our place in the world. From July to September, a video was shown and drawings by Bárbara Fonte were exhibited, followed by the work of Francisco Tropa, who reminds us that art is something that can never be explained.

The Casa A. Molder project is the fruit of the determination and courage, but above all, the generosity of Adriana Molder, who accompanies the production of each of the scheduled exhibitions, overseeing the work with visits to the studios and writing the texts that accompany each show. Her proposal is to give freedom to artists.

In the last quarter, in October, we saw the inauguration of Maria Condado's work, a painter whose thoughts revolve around landscapes; be they visible or invisible, social or political, on view until November 26th. The year ends with an exhibition by João Belga, and 2022 kicks off with the work of Sandra Vasquez de la Horra, with “two artists who have shown interest in the project and the store” yet to be confirmed, concludes Molder, who invites us to visit the space, a magical place lost in time. [▲]

1. Terçolho João Maria Gusmão e Pedro Paiva *Museu de Serralves*

2. Tudo o que eu quero. Artistas portuguesas de 1900 a 2020 Vários *Fundação Calouste Gulbenkian*

3. Perto da margem Pedro Calapez *Fundação Arpad Szènes - Vieira da Silva*

4. Mão-de-obra António Bolota *Culturgest*

5. Morder o pó Fernão Cruz *Museu Calouste Gulbenkian*

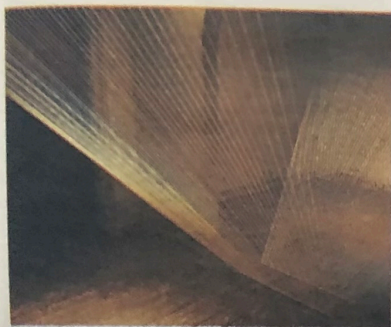
6. Historias da Diáspora Negra Alice Marcelino
Galeria Municipal de Almada

7. Matéria Luminal Vários *Museu Coleção Berardo*

8. Barber Shop Gonçalo Pena *Museu de Serralves*

9. Corpo Capital José Pedro Cortes *Galeria Francisco Fino*

10. Galeria da Casa A. Molder Adriana Molder
Galeria da Casa A. Molder



GEOLOGIA DE UM LUGAR

Carla Rebelo

Galeria da Casa A. Molder, Lisboa, até 18 de março

Uma histórica loja de comércio e colecionismo filatélico, a Casa A. Molder, na Baixa lisboeta, tem sido sede de um conjunto de exposições, organizadas pela artista Adriana Molder, que reanimam uma anterior vocação expositiva daquele carismático lugar. Depois de artistas como Maria Condado, Francisco Tropa ou João Belga, entre outros, Carla Rebelo (1973) apresenta uma instalação que ressuscita a memória de um tempo em que o espaço serviu também o propósito de uma galeria comercial onde se penduravam quadros nas paredes. A artista identificou 66 pregos que sustentavam esses quadros em cada parede e a partir deles criou duas rampas de fio branco que convergem para o arco central que divide a sala. O visitante vê assim os seus movimentos condicionados mas, neste caso, o que obstaculiza, também aclara. Não se tratará de evidenciar o espaço negativo mas de acentuar as relações de espaço/tempo constitutivas de uma memória. A referência à geologia, no título, é, evidentemente, metafórica, mas certa. O que ela assinala é uma relação com o tempo, com as suas camadas, uma dimensão imaterial que vem experimentar-se na fisicalidade do espaço. O modo como, nesta teia, cada prego e cada linha recuperam uma presença que esteve no lugar, e a forma como essa recuperação se transforma simultaneamente numa modelação da luz e numa interdição de circulação, é o paradoxo essencial da intervenção. Carla Rebelo usa o desenho para iluminar objetos e lugares. Ao emoldurar o espaço, revela a sua ossatura simétrica, mas ao torná-lo num reservatório de silêncio, num espaço de nicho que reorienta a luz, torna o movente plástico. Na verdade, Rebelo não expõe 'no' espaço, expõe 'o' espaço, no que ele foi sendo, e com isso oferece-lhe uma nova vida. / C.M.

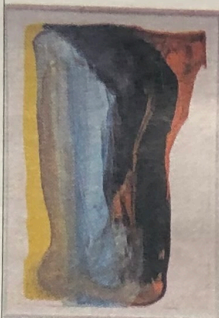
E ainda...



PREHISTÓRICO: DE LA ROCA AL MUSEO

Museu do Côa, Vila Nova de Foz Côa, até 12 de maio

Exposição de 270 peças — pinturas, gravuras e arte móvel — que pretende celebrar a que teve lugar há 100 anos, no Museu Nacional de Arqueologia de Espanha, em Madrid. Entre as peças expostas estão as primeiras representações em tamanho real dos animais de Altamira.



SEJA DIA SEJA NOITE POUCO IMPORTA

André Gomes e Pedro Calapez

Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, até 8 de maio

Diálogo a três, "entre a modernidade da pintura de Pedro Calapez e das fotografias de André Gomes com o naturalismo de Artur Loureiro", pintor do século XIX que está bastante representado no museu.



ANIMAIS SINTÉTICOS

Tropa Macaca

Gnration, Braga, até 30 de abril

A Tropa Macaca (André Abel e Joana da Conceição) apresenta em Braga "um exercício de paleontologia quântica, onde a pintura, a música e a imagem em movimento são ecos deste lugar que habitamos, entre a promessa e a ruína".





Bruno Pacheco na **Galeria da Casa A. Molder** Uma cor inventada, a ironia provocatória habitual, a continência (i)reverente de um “soldado” da pintura: Um, Dois, Esquerdo, Direito, de Bruno Pacheco, inaugura-se a 24, na Galeria da Casa A. Molder, em Lisboa. O artista (n. 1974), que vive e trabalha em Londres,

VAI ACONTECER

apresenta uma exposição, em que afirma a sua “obstinação e “incapacidade de obedecer” “à “autoridade” da pintura, no seu trabalho, mas também a “total entrega e irreverência” com que a vive. É a nona exposição do projeto da artista Adriana Molder, que abre um espaço expositivo para a arte contemporânea numa histórica loja de filatelia, fundada em 1943, por Augusto Molder, na Rua 1º de dezembro. Fica até 6 de maio (entrada pela loja).